

4. INFORMAÇÕES VARIADAS

4.1 SOCIEDADE EM DEBATE

4.1.1 A Violência nos Espaços Escolares. Entre a Identidade e o Desenraizamento, pontos para uma reflexão

Rosângelo Rodrigues de Miranda

Doutor em Direito pela PUC-SP

*Professor de Direito Constitucional na FADIVALE
Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado de
Minas Gerais, com exercício em Governador Valadares*

“[...] onde a perseguição é deliberadamente esperada, há risco de que ela seja provocada numa tentativa de fugir à loucura ou ao delírio”

Winnicott

Quem é o outro (*alter*) ao qual agrido/sou agredido nos espaços escolares que fere minha identidade?

Reconheço-me no outro ou o outro me é estranho?

No espaço da ética e da moral, o jovem só se responsabiliza por aquilo que identifica como próximo, que lhe toca.

Na juventude, o campo do terceiro, do institucional, a regra impessoal ainda não está plenamente desenvolvida. Neste estágio, o mundo se organiza por identidades.

Ausente a empatia subjetiva, ocorre, pelo estranhamento, a violência.

A escola, enquanto espaço de vivência, é estranha aos alunos.

Suas regras, seus formalismos, seus hábitos, sua inautenticidade, sua dissonância entre o discurso e a prática gera, no aluno adolescente, não raro, um sentimento de inadequação, de não reconhecimento.

O inautêntico, diz Heidegger, é aquele que não vive a vida vivida, o que se esconde encobrendo os horizontes de suas escolhas. O que nega o viver e se alheia na crítica pura da ausência de sentido do viver. Nega a finitude do seu viver defendendo um ideal de perfeição não passível de efetivação.

No caso da escola, ela se nega a viver com as condições concretas em que está inserida, em prol de um discurso de perfeição que virá com a próxima reforma, com o próximo método, com o próximo formalismo.

O tempo do jovem é imediato. Em face dessa inautenticidade, ele não se reconhece e, portanto, não reconhece o espaço da escola como legítimo, aquilo que não lhe é idêntico, pois o que caracteriza o jovem é a busca pela autenticidade, aquilo que não sonha os sonhos dele lhe é estranho, e o estranho, repita-se, gera a violência.

Grande parte da violência nas escolas, a par dos fatores exógenos como desagregação familiar, tráfico de drogas, gangues, etc., vem desta falta de reconhecimento, deste sentimento de inadequação, deste desenraizamento.

Há um hiato entre o jovem e a escola, tanto quanto tem havido um sentimento de despertencimento entre o jovem e a família.

Não há cuidado na escola. Não havendo cuidado, não há reconhecimento; não havendo reconhecimento, não há responsabilização moral, não há culpa pelo que ocorre com a escola ou com o outro, não se cria vínculo.

A escola que não oferece cuidado e envolvimento favorece o surgimento da violência. É preciso criar um ambiente bom, acolhedor, autêntico, não perseguidor, que gere no aluno um sentimento de pertencimento e reconhecimento. Criando-se o vínculo, a violência fica em segundo plano ou torna-se residual.

O Órgão do Ministério Público que se vê diante de ocorrências de violência escolar, antes de propor punições ou regras, deve procurar perceber e sentir a existência deste desenraizamento existente entre a escola e o jovem, visando contribuir, com sua ação comedida e dialogante, para que, minimamente, alguns traços de pertencibilidade e vínculos sejam estabelecidos entre a escola e o jovem. Neste quadro, o Órgão do Ministério Público é muito mais um mediador que um ofertante de soluções prontas e definitivas.

A escola deve, portanto, refletir e ofertar cuidado e autenticidade em busca de criar vínculos e reconhecimento. Havendo por parte do jovem um sentimento de pertencibilidade e enraizamento, a violência nas escolas, acredito, diminuirá.